

Arte e ciência: investigando teatros elisabetanos por meio da cartografia

Evelyn Furquim Werneck Lima

Pós doutor (Université Paris X - Nanterre) Doutor em história social (UFRJ / EHESS)-

Professor associado II do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Pesquisador 1-C CNPq e Cientista do Nosso Estado (FAPERJ)

Resumo: Pretende-se estabelecer uma interface entre a arquitetura teatral elisabetana e Londres, no âmbito da História do Espetáculo. Neste *paper*, investigamos a localização dos edifícios teatrais desde o final do Seiscentos por meio da cartografia. Apesar da dificuldade de análise dos desenhos técnicos, acredita-se que esta representação constitua um instrumento de registro da realidade, devendo obedecer a critérios técnicos. Ao final do século XVI, os arredores de Londres estavam pontilhados de teatros, estrategicamente implantados. A localização destes teatros públicos fora da jurisdição do controle da coroa e da cidade ofereceu aos dramaturgos elisabetanos um espaço de crítica acirrada sobre as transformações culturais no final do século XVI, transgredindo a ordem urbana.

Palavras-chave: teatro, arquitetura; cartografia.

Introdução

A valorização do passado das cidades tem sido uma característica comum às sociedades desde o século XX. Pretende-se enfatizar o papel relevante da cartografia para reconstituir a localização e os períodos de existência dos edifícios teatrais elisabetanos. Apesar da dificuldade de análise dos desenhos técnicos, acredita-se que a cartografia constitua um instrumento de registro da realidade, devendo obedecer a critérios técnicos e geométricos, apesar de limitações na representação do real, pois os cartógrafos estavam a serviço das autoridades. Ainda assim, se considera que seja possível interpretar os desenhos e os mapas ainda existentes referentes ao período no qual Shakespeare, Marlowe e Ben Johnson deambularam naquelas áreas e deixaram uma dramaturgia que é patrimônio da cultura mundial.

O historiador Jacques Le Goff, que contesta o tempo homogêneo e linear, considera que na verdade “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta”¹. Já para o geógrafo Milton Santos, antigos tempos homogênicos passam a coexistir e a interagir com tempos recentes². Paul Virilio afirma que espaço e tempo no mundo contemporâneo tendem a fundir-se, apontando para a tendência à abolição do lugar, fato que instiga cada vez mais a busca incessante de referenciais urbanos no passado³. Existe hoje entre os estudiosos forte tendência a redescobrir tecidos históricos que tenham representado espaços simbólicos nas cidades. Os estudos com base em documentos e relatos de época podem transformar a memória coletiva em memória histórica e permitem preservar a memória das cidades, ainda

¹ Jacques Le Goff, 2003, p. 13.

² Milton Santos 1994, p. 45, 46.

³ Paul Virilio (1976)

que seja em arquivos e bibliotecas e não mais na própria paisagem. Há que se encontrar um objeto da história cultural que possa precisamente lançar uma ponte entre o passado e o presente e de re-estabelecer esta continuidade interrompida⁴.

Ao analisar os mapas da Londres ao longo de diferentes temporalidades, do final do século XVI às primeiras décadas do século XVIII, apontamos a existência de um *genius loci*, ou “espírito do lugar”, indutor de intensa utilização pública na ocupação do solo, sobretudo devido aos oito teatros de Southwark.

Southwark: de área rural a distrito cultural

Uma das primeiras áreas de entretenimento que reuniu maior número dos primeiros teatros públicos construídos em Londres – fora da jurisdição da *City*, na margem direita do Rio Tâmis – foi em Southwark. Estes espaços teatrais públicos foram paulatinamente substituindo as encenações nos espaços públicos e nas estalagens⁵. Em poucos anos ocorreu uma busca maior pelos terrenos da região⁶. Mais tarde seriam inaugurados o *The Hope*, *Bull Ring*, *White Hart* e *The George*, completando a área de entretenimento que se conformava aos poucos. No início do século XVII, os arredores de Londres estavam pontilhados de teatros, estrategicamente implantados fora do domínio do administrador da *City* (fig. 1).

Grupos ambulantes de atores encontravam numerosa audiência nas estalagens. Erguiam seus palcos no pátio, coletavam dinheiro em suas apresentações e decidiam dar espetáculos diariamente no mesmo lugar, fazendo com que novas plateias viessem até eles. O teatro tornara-se uma instituição na vida da cidade. Até 1576, as peças eram encenadas em residências, salões públicos, mas, especialmente em estalagens, em um pátio interno, circundado por galerias com arquibancadas para os espectadores. A partir de 1574, a *City Corporation* começou a regulamentar essas edificações. Portanto, o surgimento do primeiro teatro público em 1576 fez com que o palco se transformasse em local de debate, espetáculo, entretenimento e reflexão⁷. James Burbage ergueu um teatro público ao ar livre nas “*Liberties*”, em 1576, que ele denominou *The Theatre*, em Shoreditch, na área

⁴ Halbwachs, 1950, p. 46.

⁵ No reinado de Elizabeth I (1558 a 1603), Londres já era um pólo comercial. Nas primeiras décadas do século XVII, a Inglaterra deu início às ações de colonização em todo o mundo, provocando a ascensão de uma nova elite, a classe mercantil. Com uma população ainda na metade do XVI entre 100.000 e 110.000 habitantes era “um grande palco de contrastantes espetáculos. Havia a aristocracia espetaculosa, que desfilava excessos de figurino e maquiagem e se comprazia de sua *wit*, um tipo de ironia, uma maneira espirituosa de comentar a realidade” (Aimara Resende, p..)

⁶ Apesar do fato de que grande parte da população fosse analfabeta, era um hábito constante participar dos espetáculos teatrais, hábito este que já vinha ocorrendo desde o medievo com a apresentação das *morality plays* e demais peças itinerantes de caráter religioso, que eram representadas em palcos móveis.

⁷ Em 1576, o conde de Leicester tinha obtido a licença para que seus atores pudessem representar em lugares públicos, em Londres ou outras províncias. (Carlson, 1989, p. 317)

setentrional⁸. Um ano mais tarde, outro edifício teatral foi construído na vizinhança: *the Curtain*. A localização destes teatros públicos fora da jurisdição do controle da coroa e da cidade ofereceu aos dramaturgos elisabetanos um espaço de crítica acirrada sobre as transformações culturais no final do século XVI, sendo considerados transgressores da ordem urbana.

Em Southwark os teatros públicos ficavam ao ar livre, sem cobertura, porém, no inverno, as companhias procuravam teatros *fechados*. Explica-se assim o fato de a companhia de Shakespeare, que já possuía o *Globe* (público), arrendar o *Blackfriars* (privado), tendo assim um teatro de verão e outro de inverno⁹. Além do *Bear Garden*, em 1587, Philip Henslowe construiu *The Rose*, reconstruído posteriormente em 1592.¹⁰ Na mesma região foi erguido *The Swan* em 1596 por Francis Langley e existe dele o esboço mais completo de um teatro elisabetano.



Fig. 1 – The Swan - O desenho de Jan de Witt (1596) demonstra a estrutura cilíndrica que acomodava três galerias de espectadores, sendo a mais alta, protegida por um telhado inclinado para dentro.

⁸ As liberties eram terras fora dos limites da City, onde havia menor controle urbano.

⁹ Os "teatros privados" ou "fechados", encontrados na parte norte da cidade: o *Saint Paul's*, dentro da catedral, o *Blackfriars*, dentro de um convento, e o *Cockpit* (Arena), este último especialmente construído enquanto os outros dois foram adaptados para os espetáculos das companhias de crianças. (mapa)

¹⁰ O historiador inglês de teatro C. Walter Hodges investigou as escavações do *The Rose*, concluindo que seu palco é bem menor do que o dos demais teatros da época (Hodges, 1988: 6) Neste teatro em, 1592, Shakespeare deve ter montado as peças *Henry VI, Part One* e *Titus Andronicus*. É provável que tenha sido demolido por volta de 1606.

É necessário confrontar o desenho de Witt¹¹ com o mapa perspectivado de Londres elaborado por Visscher e publicado em 1616, no qual aparece a perspectiva do *The Swan* como um dodecágono equilátero¹². Possivelmente uma reconstrução posterior sobre o mesmo sítio. Ainda no mesmo distrito, num terreno próximo à Ponte de Londres, o *Globe*¹³ foi construído em 1598, com o reaproveitamento das vigas de madeira do velho *The Theatre*. Em 1621, o primeiro *Globe* foi destruído por um incêndio, mas foi reconstruído. Foi reconstruído como uma estrutura cilíndrica e demolido em 1649. Mas a gravura de Merian, realizada durante o incêndio de Londres em 1666, indica que o teatro foi novamente reconstruído.

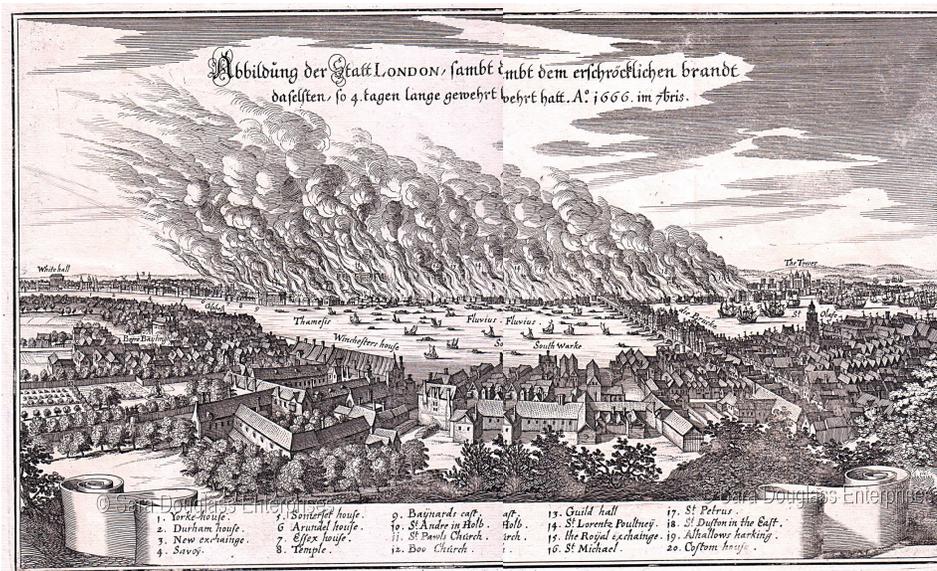


Fig. 2 – Gravura de Mattaeus Merian do Grande Incêndio em 1666. Percebe-se à direita a volumetria do teatro *The Globe*.

Quando James I assumiu o trono inglês, em 1603, patrocinou a companhia teatral *The King's Men*, da qual Shakespeare era sócio, tanto no *The Globe*, mais popular, com ingressos baratos para os pobres que se dispunham a assistir as peças em pé, como no *Blackfriars*, edificação fechada, que atendia a um público de maior poder aquisitivo e ficava localizado na *City*. Em uma Londres já então com cerca de 250 000 habitantes, estima-se que 30 000 – mais de 10% – frequentavam os teatros nos fins de semana.

¹¹ Ainda estão em andamento os estudos que investigam a evolução deste teatro. Pesquisamos também a localização dos teatros londrinos no período delimitado por meio do mapa elaborado por Henry Peacham em *The Art of Living in London* (1643).

¹² Mary Berthold, 2006: 318. O modelo de teatro redondo ou poligonal em torno de um pátio foi recorrente em Londres no período elisabetano, porém após 1620, as salas fechadas começaram a ser construídas. Buscou-se recolher documentação escrita e iconográfica, no sentido de recuperar a arquitetura teatral da época e sua inserção no tecido urbano de Londres.

¹³ Trata-se da mais investigada das casas de espetáculo inglesas, visto que para sua reconstrução em 1997 foram realizados muitos estudos.

Segundo Gustavo Franco, que empreendeu uma pesquisa sobre a economia inglesa no tempo de Shakespeare, "o autor mais erudito de todos os tempos era popular. Essa é uma experiência histórica extraordinária, que ataca de frente a mitologia do antagonismo entre arte e mercado"¹⁴ (Franco, 2006).

Um documento de grande valia para investigar o crescimento urbano da Londres do século XVII é o panorama de autoria de Visscher. Neste panorama de Londres em 1616, percebem-se, no primeiro plano, três casas de espetáculos à margem esquerda do Tâmesa: da direita para a esquerda *The Globe*, *The Bear Garden* e o *The Swan* (fig. 3). Algumas gravuras de época esclarecem sobre o primeiro (fig. 4 e 5). Infelizmente o panorama limita-se às margens do Tâmesa e não representa os outros três teatros construídos mais afastados do Bankside.



Fig. 3 - Panorama de Londres em 1616 de autoria de Visscher permite verificar os três edifícios teatrais mais próximos da margem esquerda do Tâmesa. (University of Utrecht)



Fig. 4 - No primeiro plano verifica-se da esquerda para a direita *The Bear's Garden* e o *The Globe*. (Visscher, 1616)

¹⁴Ver entrevista de Gustavo Franco à revista VEJA, mai-2009, p.45.

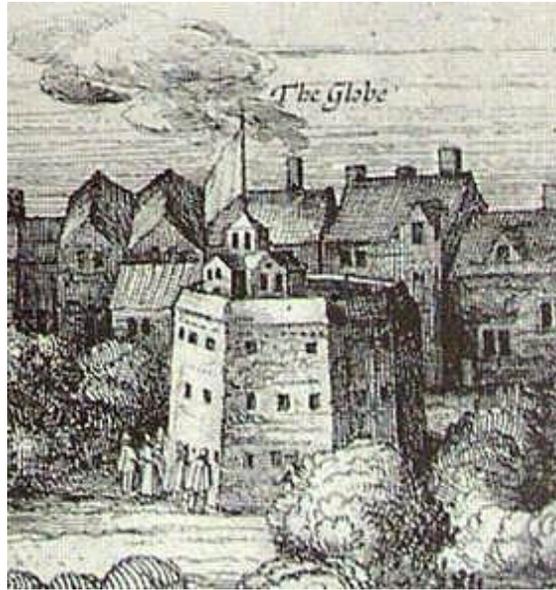


Fig. 5 – Vista do *The Globe* (Visscher, 1616)

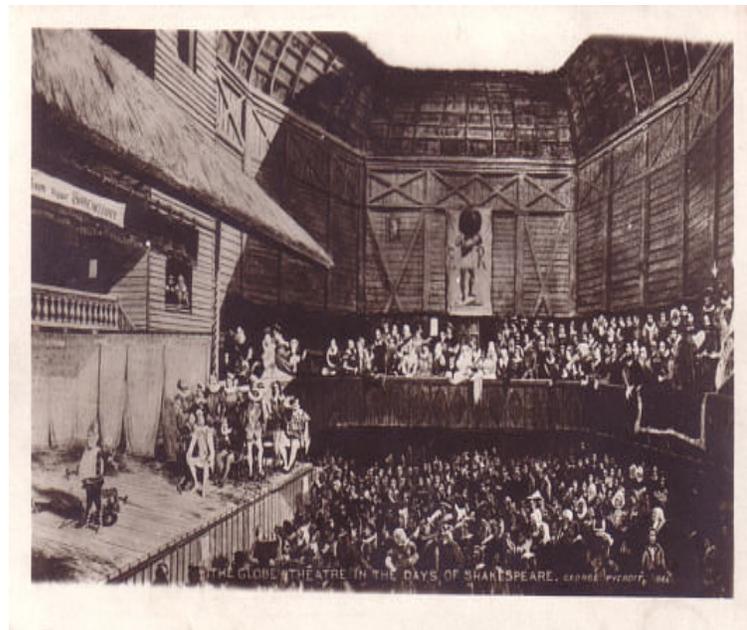


Fig. 6 – *The Globe* no tempo de Shakespeare – Gravura anônima de 1599.

Por volta de 1605, a Coroa Inglesa restringiu o mecenato do teatro à família real, reduzindo as companhias teatrais, mas permitiu a permanência de poucas, não impedindo que o teatro público prosperasse até 1614, quando seus lucros começaram a declinar. A encenação passou a ocupar os salões dos palácios, mas foi o momento no qual Marlowe e Shakespeare mais produziram.

Entre 1642 e 1649, durante a Revolução Puritana, o Parlamento fechou os teatros públicos e privados, reabertos, após quase vinte anos de inatividade. Infelizmente, em 1666 um incêndio arrasou a cidade inteira, atingindo principalmente os teatros públicos. Entretanto, o mapa de Hollar, de 1667, esclarece sobre a área atingida e mostra apenas uma faixa estreita de terra da Bankside (fig.7), no qual se verifica a presença do *The Globe* após o Grande Incêndio, fato já constatado na gravura de 1666, de Merian.



Fig. 7 - O Mapa de 1667 - 'Hollar's 'Exact Surveigh' of the City of London, 1667', *Leake's survey of the city after the Great Fire of 1666: Engraved by W. Hollar, 1667* (1667). Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/lmap.aspx?compid=16597&pubid=58>. Acesso em 16 Abr. 2010.

Algumas considerações

Entende-se que, naquele momento da história da cidade de Londres, especificamente em Southwark, tenha ocorrido um momento mágico de inteiração, um verdadeiro “espírito do lugar teatral”, no sentido em que Norberg-Shulz entende o *genius loci*, ou seja, uma concepção clássica que identifica relações entre a arquitetura construída, o sentido expresso no espaço e a dinâmica da vida social¹⁵. Londres foi a primeira cidade européia a possuir vários teatros públicos agrupados em seu espaço urbano, estabelecidos em uma área bastante restrita, criando em Southwark um primeiro distrito de entreterimento.

¹⁵ Norberg-Shulz, 1979.

Devido à popularidade do teatro na sociedade inglesa da época, o bairro não tardou a atrair levadas e levadas de indivíduos que atravessavam o Tâmesa para assistir aos espetáculos.

As interpretações dos mapas e as descrições dos espaços possibilitadas inclusive por desenhos perspectivados levaram-nos a buscar a densidade dos espaços sem a pretensão de constituir verdades absolutas e únicas, como propõe Clifford Geertz (1989). Decidir estudar espaços do passado é tão válido quanto a escolha por estes estudos no momento presente. O resgate de uma memória compreensiva das cidades, devidamente ancorada em suas amarras espaciais, é viável e está aguardando a contribuição dos estudiosos. Nesse sentido, este estudo busca compreender o fenômeno de um “espírito do lugar teatral” que se alojou em uma região específica da cidade de Londres no século XVII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLSON, Marvin. Places of Performance. *The Semiotics of Theatre Architecture*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1989.

HALBAWCS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Les Presses universitaires de France, 1950.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTD, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. São Paulo: Unicamp, 2003(1ª ed. Einaudi, 1977).

NORBERT-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli, 1979.

RESENDE, Aimara da Cunha. *Entre nobres e aldeões*. *Entreclássicos* 2, 2008, p. 6-13.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.